

Panorama dos estudos em revisão de textos: o que as publicações em periódicos nacionais revelam sobre o tema?

A panorama of studies on text revision: what the publications in national journals reveal on this theme?

Úrsula Francine Massula¹

RESUMO

Esta pesquisa é de caráter quali-quantitativo e tem como objetivos levantar o número de artigos relacionados à prática de revisão textual e ao papel do revisor de textos, publicados em periódicos nacionais entre os anos de 2007 e 2017, e investigar os eixos temáticos desses artigos. Para a obtenção dos dados, foram consultadas as páginas eletrônicas dos periódicos das áreas de Letras / Linguística classificados nos estratos A1, A2 e B1 do Qualis Capes, relativos ao quadriênio 2013–2016. Os resultados mostram que, embora o número de publicações de acordo com os critérios estabelecidos não seja muito amplo, os eixos temáticos dos artigos publicados são bastante heterogêneos. Indica, também, o crescimento do interesse por temas ligados à área da Revisão nos últimos sete anos.

Palavras-chave: Revisão de textos. Pesquisa quali-quantitativa. Periódicos. Qualis A e B.

ABSTRACT

This research is a qualitative-quantitative study and aims to survey the number of articles related to the practice of text revision and the role of the text reviser published in national journals in Brazil from 2007 to 2017, and to investigate the thematic axes of these articles. For data collection, this study consulted the electronic webpages of the periodicals in the fields of Languages / Linguistics, classified under the Qualis Capes degrees of A1, A2, and B1, referent to the quadriennium of 2013-2016. The results show that, though the number of publications according to the established criteria is relatively limited, the thematic axes of the published articles are quite heterogeneous. They also show that the interest in themes related to Revision has been increasing over the last seven years.

Keywords: Text revision. Qualitative-quantitative study. Journals. Qualis A and B.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ Este artigo é fruto de Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização Lato Sensu em Revisão de Textos, apresentado ao Instituto de Educação Continuada da PUC Minas, produzido sob orientação da Prof. Dr.^a Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Revisão de Textos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: ursulamassula@gmail.com.

Anualmente, um número expressivo de pesquisas de cunho científico é realizado no Brasil. Dados do último censo realizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2016, com 531 instituições participantes, registram 37.640 grupos de pesquisa e 199.566 pesquisadores, sendo 129.929 doutores. De acordo com os resultados, o número de grupos cresceu 6% em relação ao ano de 2014, e o número de pesquisadores, 11%.

A publicação científica é o principal meio pelo qual os resultados dos trabalhos desses grupos e pesquisadores são divulgados. Diante de um número tão grande de grupos de pesquisa e de pesquisadores, é de se esperar, também, um grande número de artigos publicados em periódicos científicos. Uma busca na página *Web of Science* pelo ano de publicação de 2016, restringindo por tipos de documento (ARTICLE) e países/territórios (BRAZIL) retornou 52.343 resultados. Essa é uma atividade de extrema relevância, tanto para que se estabeleça uma ponte entre os próprios pesquisadores, fomentando os estudos em suas respectivas áreas, quanto entre esses pesquisadores e a comunidade externa. O saber científico deve ser repassado.

Neste artigo, nos deteremos às publicações relacionadas à área de revisão de textos. Apresentaremos um panorama, significativo embora não exaustivo, de natureza quantitativa e qualitativa, dos artigos publicados sobre o tema, com o objetivo de verificar o que as publicações em periódicos nacionais na última década revelam — e em que proporção: as pesquisas sobre o tema apresentam eixos temáticos variados? São publicadas em grande escala? Essas são algumas questões que pretendemos responder neste trabalho.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na seção “Fundamentação teórica”, apresentaremos algumas considerações sobre as diversas vertentes a que a revisão de textos está vinculada. Na seção “Metodologia”, mostraremos o modo pelo qual os dados foram obtidos. A seção “Análise dos dados e resultados” expõe os resultados encontrados e o que se pode depreender deles. Em seguida, a seção “Reflexões” aborda os principais temas contidos nos artigos selecionados. Por fim, nas “Considerações Finais”, faremos um breve comentário sobre a pesquisa como um todo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Revisão de textos. Termo que carrega uma amplitude de significados. Talvez, por isso mesmo, a definição desse termo encontre tantas variações. Para este trabalho, consideraremos a revisão como uma prática bastante abrangente, cujo funcionamento diferirá de acordo com o contexto em que estiver inserida e os objetivos a que se destina. Pensemos a revisão de texto, em termos mais gerais, como a leitura atenta de um texto, que trabalha com as escolhas do autor, respaldando essas escolhas ou sugerindo alternativas a elas (MOURÃO, 2010), com o objetivo de garantir a maior legibilidade e adequação possíveis ao texto. O ofício da revisão de textos pode tomar lugar em diferentes ambientes: um deles é como trabalho didático, parte do processo da prática de produção de textos por alunos em ambiente escolar. De acordo com Fuza e Menegassi:

Em relação à revisão e à reescrita dos textos, os PCNs (BRASIL, 1998) afirmam que a revisão deve ser sistematicamente ensinada, monitorando todo o processo de produção textual desde o planejamento. Tal postura demonstra a necessidade de deslocar a ênfase da intervenção no produto final, para o processo de escrita, auxiliando o aluno a revisar desde o planejamento do texto, ao longo de todo o processo. No mesmo sentido, as DCE (PARANÁ, 2008) postulam que, na fase da revisão e da reescrita, o aluno revê o que escreveu, refletindo sobre suas ideias, observando se seu texto atende à finalidade, ao gênero e ao contexto de circulação. O documento, infelizmente, não discute cada uma dessas etapas e elementos do processo de escrita, o que não oferece subsídios teóricos ao docente (FUZA; MENEGASSI, 2012, p. 43).

Há também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), recentemente divulgada pelo Governo, um documento “[...] de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2016). Ele apresenta a revisão como estratégia após a produção textual, juntamente com a etapa de edição de texto, no primeiro ano do Ensino Fundamental, e juntamente com as etapas de reescrita e de edição nos anos seguintes do Ensino Fundamental. No 1º ano, espera-se que o aluno reveja “[...] com a colaboração do professor e de colegas, o texto produzido individualmente ou em grupo” (BRASIL, 2016, p. 73). Já no 2º ano, espera-se dos alunos a habilidade de “[...] reler os textos produzidos, com a mediação do professor e colaboração dos colegas, para fazer cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação” (BRASIL, 2016, p. 81). A etapa seguinte consiste em reescrever o texto incorporando as alterações feitas na revisão. As habilidades esperadas do 3º ao 9º anos se assemelham às do 2º ano, acrescentando-se a elas “[...] a reescrita incorporando as alterações feitas na revisão e

obedecendo as convenções de disposição gráfica, inclusão de título, de autoria [...]” e a utilização de *softwares* “[...] inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multimídias disponíveis” (BRASIL, 2016, p. 89). O BNCC também não aprofunda cada uma das etapas, assim como ocorre nos Parâmetros Curriculares Nacionais, apenas mencionando as habilidades que se espera desenvolver no aluno por meio da revisão.

A revisão de textos também é uma atividade profissional, cuja finalidade é, segundo Muniz Jr.:

[...] em última análise, preparar os textos para circular socialmente. O profissional, com seu “olhar de alteridade”, prevê as leituras possíveis / prováveis e, com base nisso, propõe novas textualizações para que o texto tenha uma recepção o mais próximo possível da esperada ou desejada. Idealmente, a função dos profissionais de intervenção textual é contribuir para que os efeitos de sentido visados pelo autor venham a público tal qual este o desejou (MUNIZ JR., 2009, p. 7).

Assim, o profissional revisor trabalha com o texto em diferentes níveis: no linguístico, no gráfico, no normalizador e no temático:

[...] a revisão linguística – esta que muitas vezes é entendida como referente a questões ortográficas e gramaticais – é apenas uma das modalidades de revisão de um texto. O trabalho do revisor congrega ainda pelo menos mais três tipos de revisão: i) revisão gráfica: trata das questões relacionadas com a apresentação e com a composição visual e material do texto; ii) revisão normalizadora: ajusta o texto às normas bibliográficas e editoriais; e iii) revisão temática: verifica a propriedade e a consistência das formulações de um texto em função de um determinado sistema de conhecimento determinado” (COELHO; ANTUNES, 2010, p. 206-207).

Todo esse processo é pautado pelas relações com os outros sujeitos presentes na construção textual, por meio do dialogismo existente em / e inerente a essas relações, ainda que em maior ou menor intensidade. A revisão como prática profissional acaba também por englobar outro aspecto da revisão: a formação de profissionais para exercerem essa atividade. Ainda que a profissão não esteja regulamentada até o presente momento e que o mercado esteja “inflado” com pessoas das mais diversas áreas atuando como profissionais do texto, existem cursos, seja no nível da graduação, seja no nível da pós-graduação, que visam à *expertise* na prática de revisão.

A revisão de textos é, portanto, uma atividade de cunho social, dialógico e colaborativo, mesmo as revisões de caráter estritamente normativo, uma vez que:

[...] essas normas não surgem do nada: elas só podem ser pensadas a partir das condições históricas em que foram engendradas e nas quais continuam produzindo sentidos. Por isso, é possível dizer que as normas não apenas fornecem diretrizes para a atividade, mas revelam o caráter coletivo do trabalho por meio das vozes normativas de outros eus que deixaram seu registro de ação e coerção no decorrer do tempo. Em última análise, a polifonia das normas é reveladora da historicidade do trabalho de intervenção textual (MUNIZ JR., 2009, p. 9)

No que se refere aos tipos de correções possíveis de serem aplicadas em um texto, Serafini (1998) oferece a seguinte proposta de classificação:

a) Indicativa: quando o professor se limita a apenas apontar os erros por um risco, círculo, ponto de interrogação, sublinhado etc.; b) Resolutiva: quando o revisor, além de sinalizar o erro, o soluciona, reescrevendo-o da forma correta; c) Classificatória: quando são feitos apontamentos, usando como recurso sinais pré-estabelecidos entre professor e aluno, isto é, um traço em uma palavra pode indicar problemas de acentuação e assim por diante (SERAFINI apud FUZA; MENEGASSI, 2012, p. 44-45).

Ruiz (2010) complementa essa classificação, incluindo a revisão textual-interativa, uma revisão “[...] por meio de comentários mais longos, escritos em sequência no texto do aluno, em forma de pequenos bilhetes, que ela denomina de pós-texto” (RUIZ apud FUZA; MENEGASSI, 2012, p. 45). Essa classificação, embora inicialmente pensada para o âmbito escolar, também aparece em pesquisas que tratam da revisão como prática profissional (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015; RIBEIRO, 2009).

Quando pensamos nessas modalidades de revisão, será que o uso delas difere muito quando a revisão ocorrer no âmbito profissional ou quando ocorrer no âmbito escolar? A revisão, na primeira situação, foca-se na ideia de “resolver o problema” do autor. Já na segunda situação, visa a provocar reflexões e propor formas de aprimorar a escrita do aluno. De acordo com Gomide e Gomide Filho,

[...] são essas mesmas demandas mercadológicas que fazem com que, na maioria das solicitações de revisão, não haja interesse do cliente por sinalizações de alterações no texto. Operando dentro de uma lógica baseada na rapidez e praticidade (a exemplo do que ocorre em boa parte das relações de mercado na sociedade contemporânea), o cliente, muitas vezes, espera que o revisor resolva os problemas que porventura forem identificados no texto – e não que o devolva com várias pendências a serem solucionadas. Dito de outro modo, em termos de relações comerciais e de demandas de mercado, não se espera do revisor uma posição à maneira de um professor, que sinaliza, explica e/ou negocia a totalidade

dos termos e/ou passagens a serem reconsiderados. (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 344).

O posicionamento dos autores é importante, visto que há diferenças nessas duas esferas – revisão na escola/revisão no mercado de trabalho –, porém, como interface entre o papel do revisor e o do professor, encontra-se o cerne da característica da revisão como prática linguístico-discursiva, dialógica, e não algo unilateral visando à assepsia do texto. Os autores reiteram, na sequência, a necessidade do contato revisor/cliente para que o trabalho saia a contento:

Tal constatação não pretende, de modo algum, postular o enfraquecimento do diálogo com o autor, muito pelo contrário, o diálogo é fundamental e intrínseco à própria atividade de revisão, especialmente quando se tem em vista que a própria instância autoral é, em grande parte, uma construção textual-discursiva. Porém, em face da dinâmica das relações que se instauram entre revisores e clientes, cabe ao revisor determinadas tomadas de decisões das quais dependem a própria segurança passada ao cliente. Há, pois, algo da ordem de um *ethos*² também construído por parte do revisor. Logicamente, por ser a revisão uma atividade fortemente dialógica, as soluções para uma melhor configuração do texto propostas pelo revisor devem ser negociadas, em função dos objetivos do texto e das necessidades do cliente. (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 344).

Como se pode perceber, mesmo a revisão em diferentes ambientes possui aspectos semelhantes: o foco na melhoria do texto, garantindo sua legibilidade e adequação, é um deles, porém, com os sujeitos envolvidos no processo exercendo diferentes papéis com diferentes objetivos. Neste trabalho, como intencionamos verificar o que tem sido pesquisado sobre a prática de revisão textual de modo geral, consideraremos todos esses cenários em que a revisão de textos possa se fazer presente. Por se tratar, como mencionamos, de uma área abrangente e diversa, espera-se que essa multiplicidade se revele também nas publicações científicas que tratam do assunto.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter quali-quantitativo e visou tanto a levantar o número de artigos publicados em periódicos nacionais entre os anos de 2007 e 2017 (até o mês de junho, quando as buscas nas páginas dos periódicos foram finalizadas) quanto a investigar o que tem sido produzido com relação à prática de revisão textual e ao papel do revisor de textos (em língua portuguesa). A obtenção dos dados foi dividida em três etapas.

A primeira foi a busca na página do Qualis Capes por periódicos das áreas de Letras/Linguística classificados nos estratos A1, A2, B1 e relativos ao quadriênio 2013–2016². A segunda foi a exclusão de determinados periódicos, de acordo com os seguintes critérios:

- periódicos do exterior;
- periódicos do Brasil, mas que não publicam em língua portuguesa;
- entradas repetidas de periódicos, seja por haver ambas as versões *on-line* e impressa, seja por haver alterações sensíveis nos títulos dos periódicos, mas tratarem-se da mesma revista.

A terceira foi a consulta às páginas dos periódicos restantes, que se encaixavam no perfil da pesquisa, para verificação dos artigos que contemplavam a temática de revisão de textos. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram “revisor” e “revisão” e elas deveriam aparecer nos títulos dos artigos — apenas uma delas ou as duas. Esses dois termos, embora não contemplem todos os artigos publicados na área de revisão, têm um caráter mais abrangente que possibilite cobrir, pelo menos, uma parte significativa deles. Com relação ao termo “revisor”, foram desconsiderados trabalhos em que essa palavra aparece, mas significando o parecerista de um periódico. Já com relação ao termo “revisão”, foram desconsiderados trabalhos em que essa palavra aparece, mas significando análise crítica da literatura. Após a obtenção total dos dados, as ocorrências foram divididas em três categorias:

a) *Revisão e/ou revisor no âmbito escolar*: essa categoria refere-se à revisão como um trabalho didático, parte do processo da prática de produção de textos por alunos em ambiente escolar e a consequente leitura/correção pelo professor (caráter pedagógico, do ensino da autocorreção e da reescrita);

² Como as buscas em todos os estratos ficariam muito extensas para o trabalho em questão, restringimos a pesquisa aos estratos supracitados. Inicialmente, foi realizada uma tentativa de busca no Portal de Periódicos da Capes, mas esta não retornou resultados satisfatórios. Mesmo com a aplicação de filtros (por exemplo, restringindo a busca das palavras-chave apenas ao título e à área Letras/Linguística), a plataforma apresentou centenas de ocorrências das palavras “revisão” e “revisor” em resumos de artigos de outras áreas.

b) *Revisão e/ou revisor na esfera institucional (como prática específica do profissional que lida com o tratamento do texto)*: essa categoria abrange artigos que tratam da revisão como prática profissional, o que abre margem à discussão de aspectos como a regulamentação dessa profissão, que inexistia até o presente momento, e os limites éticos da atuação do revisor (revisor x copidescagem ou coautoria). Abrange também o estudo das práticas de revisão nos cursos superiores voltados à formação de revisores de textos, seja no nível da graduação (bacharelado em Letras), seja no nível da pós-graduação;

c) *Abordagens referentes ao processo de revisão como prática linguageira e suas implicações*: essa categoria abarca artigos que não se encaixam em nenhuma das categorias anteriores, por exemplo, abordando a revisão de forma geral, não especificando o ambiente em que esse processo ocorre, porém focalizando aspectos linguístico-discursivos e textuais que são inerentes à intervenção no texto pelo profissional revisor de textos.

4 RESULTADOS

O número total de periódicos listado nos estratos A1, A2 e B1 no quadriênio 2013–2016 é de 665. Excluindo-se os periódicos internacionais e os repetidos, o número passa a 222. Abaixo, a relação do número de periódicos pesquisados em cada estrato e dos artigos encontrados.

Quadro 1 – Número de periódicos pesquisados

Estrato A1	Estrato A2	Estrato B1
24	35	163

Fonte: dados da pesquisa; elaboração da autora, 2017.

Quadro 2 – Artigos encontrados em periódicos de estrato A1

Número de artigos	Título do artigo	Autor(es)	Título do periódico	Ano de publicação	Tema
1	Os limites para a revisão do texto literário a partir dos conceitos de autoria e estilo de Bakhtin	Marcelo Spalding Perez, William Moreno Boenavides	Bakhtiniana Revista de Estudos do Discurso	2017	Revisão e/ou revisor na esfera institucional

Fonte: dados da pesquisa; elaboração da autora, 2017.

Quadro 3 – Artigos encontrados em periódicos de estrato A2

Número de artigos	Título do artigo	Autor(es)	Título do periódico	Ano de publicação	Tema
1	A mediação do professor na revisão e reescrita de textos de aluno de Ensino Médio	<i>Denise Moreira Gasparotto, Renilson José Menegassi</i>	Calidoscópio	2013	Revisão e/ou revisor no âmbito escolar

Fonte: dados da pesquisa; elaboração da autora, 2017.

Quadro 4 – Artigos encontrados em periódicos de estrato B1

Número de artigos	Título do artigo	Autor(es)	Título do periódico	Ano de publicação	Tema
1	A regulamentação da profissão de revisor de textos: uma medida social necessária	<i>Mayara Espíndola Lemos</i>	Cenários	2014	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
2	O papel do revisor de textos jornalísticos opinativos e as estruturas desgarradas da língua portuguesa	<i>Geisa Pelissari Silvério, Mário Francisco Ianni Viggiano</i>	Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa	2014	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
3	Conhecimento de mundo: um dos aspectos fundamentais à vida profissional de um redator e revisor de textos	<i>Gisele Aline Feraboli</i>	Diálogo das Letras	2012	Revisão e/ou revisor na esfera institucional

4	Revisão e reescrita de textos a partir do gênero textual conto infantil	<i>Ângela Francine Fuza, Renilson José Menegassi</i>	Diálogo das Letras	2012	Revisão e/ou revisor no âmbito escolar
5	Revisão textual-interativa: aspectos teórico-metodológicos	<i>Renilson José Menegassi, Denise Moreira Gasparotto</i>	Domínios de Linguagem	2016	Revisão e/ou revisor no âmbito escolar
6	A importância da Terminologia para prática de revisão do texto técnico-científico	<i>Bruno Diego de Resende Castro, Márcio Sales Santiago</i>	Domínios de Linguagem	2015	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
7	Aspectos da prática docente na revisão e reescrita de narrativa de terror	<i>Denise Moreira Gasparotto, Renilson José Menegassi</i>	Fórum Linguístico	2015	Revisão e/ou revisor no âmbito escolar
8	A produção escrita no ensino fundamental I: correção do professor e revisão do texto pelo aluno	<i>Jennifer Galvão Cezar, Orlando de Paula</i>	Fórum Linguístico	2013	Revisão e/ou revisor no âmbito escolar
9	A Teoria da Argumentação na Língua e o trabalho do revisor de textos	<i>Leci Borges Barbisan, Vanessa Fonseca Barbosa, Tamiris Machado Gonçalves</i>	Letras de Hoje	2015	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
10	A revisão textual feita individualmente e	<i>Alina Galvão Spinillo</i>	PROLINGUA	2015	Revisão e/ou revisor no

	em colaboração: há diferenças?				âmbito escolar
11	O exercício da revisão e seu tratamento editorial: para uma edição da poesia de Pedro Homem de Mello	<i>Elsa Pereira</i>	Revista ABRALIN	2017	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
12	Competência tradutória: a conversão do tradutor em revisor	<i>Patrícia Chittoni Ramos Reuillard</i>	Revista de Letras	2014	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
13	Oficinas de <i>fanfictions</i> na escola: investigando práticas de revisão e reescrita	<i>Larissa Giacometti Paris</i>	Revista Estudos Linguísticos	2016	Revisão e/ou revisor no âmbito escolar
14	Da interlocução à construção do ethos: a interação profissional entre autor e revisor de textos	<i>Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista</i>	Scripta	2015	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
15	A hipercorreção na escrita formal: dilemas do revisor de textos	<i>Eliane Mourão</i>	Scripta	2010	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
16	A prática de revisão de textos entre inadequação e inovação: uma discussão sobre variação, mudança e política linguística	<i>Carolina P. Fedatto, Beatriz Garcia Pinto Coelho</i>	Scripta	2016	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
17	Considerações	<i>Renata</i>	Scripta	2015	Revisão e/ou

	sobre a revisão profissional de textos acadêmico-científicos	<i>Marques Gomide, Sérgio Roberto Gomide Filho</i>			revisor na esfera institucional
18	Revisão textual: para além da revisão linguística	<i>Sueli Maria Coelho, Leandra Batista Antunes</i>	Scripta	2010	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
19	Prática textual: ensino, produção e revisão	<i>Clézio Roberto Gonçalves, Maria Teresa Nastri de Carvalho</i>	Scripta	2010	Revisão e/ou revisor no âmbito escolar
20	Reflexões acerca das práticas de tradução e revisão de textos e de parâmetros para a formação de tradutores e revisores	<i>Rivânia Maria Trotta Sant'Ana, José Luiz Vila Real Gonçalves</i>	Scripta	2010	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
21	A revisão do texto literário: um trabalho de memória	<i>Elzira Divina Perpétua, Raquel Beatriz Junqueira Guimarães</i>	Scripta	2010	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
22	A revisão de texto: abordagem da psicologia cognitiva	<i>Laurent Heurley</i>	Scripta	2010	Abordagens referentes ao processo de revisão como prática linguageira

23	O movimento dos olhos na detecção de erros em textos: leitura e revisão	<i>Délia Ribeiro Leite, José Olímpio de Magalhães</i>	Signo	2013	Revisão e/ou revisor na esfera institucional
----	---	---	-------	------	--

Fonte: dados da pesquisa; elaboração da autora, 2017.

4.1 Revisão/e ou revisor no âmbito escolar

As buscas nos periódicos de estratos A1, A2 e B1 retornaram 8 resultados, sendo 0 no A1, 1 no A2 e 7 no B1.

Gasparato e Menegassi (2013) analisam os tipos de revisão cunhados por Serafini (1998) e Ruiz (2010) empregados por um professor em textos produzidos por uma aluna do 2º ano do Ensino Médio e quais são as ações de reescrita dessa aluna frente às revisões. Em um segundo momento, os autores sugerem alternativas de correção que “[...] tornariam a reescrita um trabalho mais efetivo no sentido de oferecer caminhos para que a aluna refletisse sobre seu texto e buscasse soluções pertinentes para ele” (GASPARATO; MENEGASSI, 2013, p. 37). Segue-se um grupo de trabalhos que conta com Gasparotto e Menegassi como autores, indicando que esses pesquisadores têm publicado um número expressivo de artigos sobre o tema revisão nos últimos anos. Fuza e Menegassi (2012) demonstram como as características dos gêneros, mais especificamente do conto infantil, definem os trabalhos de revisão de um professor e os de reescrita de um aluno em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Gasparotto e Menegassi (2015) apresentam os processos de revisão e de reescrita de textos na prática docente com alunos do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, fazendo uso do gênero narrativa de terror. Menegassi e Gasparotto (2016) discutem o trabalho de revisão feito em sala de aula valendo-se da abordagem de revisão textual-interativa (RUIZ, 2010), “[...] caracterizando alternativas metodológicas específicas de correção textual-interativa” (MENEGASSI; GASPAROTTO, 2016, p. 1025).

Cezar e Paula (2013) apresentam um estudo do ensino da produção escrita, com enfoque na revisão de textos realizada por um professor e na devolutiva dessas revisões a alunos do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. Os autores destacam a importância do

ensino por meio dos gêneros para uma prática de produção textual do ponto de vista dialógico.

Paris (2016) realiza uma análise das práticas de revisão e reescrita de alunos do Ensino Médio participantes de uma oficina de produção de *fanfictions*, realizada no contexto escolar. A autora também destaca a importância do ensino da produção escrita por meio dos gêneros textuais, mais especificamente das *fanfictions*, que compõem um gênero que estimula a interatividade e o dialogismo.

Gonçalves e Carvalho (2010) refletem sobre a forma como a produção de textos é realizada em contexto escolar e sobre os processos envolvidos nessa prática, pensando o texto como resultado de uma atividade linguístico-cognitiva socialmente situada. Os autores não trabalham com estudos de caso no artigo, fazendo reflexões a partir de experiências pessoais em sala de aula como professores, bem como de suas experiências como revisores e corretores de provas de vestibulares.

Spinillo (2015) investiga se há diferenças entre as revisões realizadas de forma individual e colaborativa. No trabalho, 60 crianças do 3º ano do Ensino Fundamental foram solicitadas a analisar um texto. Elas foram divididas em grupos, e cada um deles realizou a revisão em duas situações: individual e coletivamente (em duplas). Enquanto os outros trabalhos investigam a relação do professor como revisor e do aluno como produtor do texto, neste os alunos tanto são os produtores como os revisores. A revisão ocorre de forma independente da escrita, ou seja, o estudante-revisor não é o produtor do texto revisado.

4.2 Revisão e/ou revisor na esfera institucional

Nessa categoria, as buscas nos periódicos de estratos A1, A2 e B1 retornaram 17 resultados, sendo 1 no A1, 0 no A2 e 16 no B1.

O único artigo encontrado nos periódicos de estrato A1, de acordo com os critérios estabelecidos para a pesquisa, foi recentemente publicado. Perez e Boenavides (2017) propõem uma reflexão sobre qual seria o limite de intervenção do profissional revisor em textos literários. Os autores fazem menção à relação tensa que pode existir entre autores e revisores, sobretudo quando a revisão, além de aspectos normativos, se debruça em aspectos mais subjetivos, como verossimilhança e encadeamento narrativo.

Lemos (2014) analisa a perspectiva da regulamentação da profissão do revisor de textos e a opinião de revisores profissionais a respeito do tema. Na pesquisa, 14 revisores³ foram entrevistados, respondendo a questões como se são a favor ou não da regulamentação da profissão revisor de textos e por quê.

Silvério e Viggiano (2014) analisam alguns exemplos de orações desgarradas⁴ presentes em textos jornalísticos opinativos e sua relação com o papel do revisor, como até que ponto esse profissional pode intervir em casos de orações que não estão de acordo com o que prescreve a gramática normativa, mas que costumam ser comumente empregadas em textos do gênero, para obtenção de efeitos expressivos demandados dessa esfera de circulação.

Feraboli (2012) objetiva suscitar o debate sobre qual é a função do bacharel em Letras, na área de Redação e Revisão de Textos, e sobre a importância do conhecimento de mundo ao profissional revisor. A autora conclui em seu estudo que a área de atuação de um bacharel em Revisão de Textos é bastante ampla e pontua a necessidade de aliar o conhecimento de mundo ao domínio dos gêneros textuais e da norma culta.

Castro e Santiago (2015) realizam um estudo de caso para verificar a importância do campo da Terminologia na revisão de textos técnico-científicos. Os autores enfatizam que determinadas unidades terminológicas têm diferentes sentidos dependendo do contexto discursivo em que são empregadas. Por isso, a importância de um conhecimento especializado, que possibilite identificar essas particularidades.

Barbisan, Barbosa e Gonçalves (2015) discutem a atuação do profissional revisor com formação em Letras e de que modo a Teoria da Argumentação na Língua (DUCROT, 1987)⁵ pode servir como norteadora do trabalho desse profissional e base para suas

³ Entre os próprios entrevistados para o artigo de Lemos (2014), há uma grande diversidade de áreas de onde vêm esses profissionais. Entre eles, apenas 2 têm pós-graduação em Revisão de Textos.

⁴ “Decat (2011) propõe que, ao contrário do que é normatizado pela gramática, as orações adjetivas explicativas e as adverbiais podem ser empregadas, dependendo da situação comunicativa, desvinculadas da cláusula a que “teoricamente” pertenceriam. Em decorrência disso, a autora as nomeia como estruturas ‘desgarradas’” (SILVÉRIO; VIGGIANO, 2014, p. 259).

⁵ “Pode-se dizer que a Teoria da Argumentação na Língua é mais um grande trabalho de pesquisa do que uma teoria concluída/encerrada, uma vez que se encontra em contínuo desenvolvimento. Nascida na França, na figura do filósofo e linguista Osvald Ducrot e na de Jean-Claude Ascombre, é possível falar, até o momento, em três fases: forma *standard* (1983), teoria da polifonia e teoria dos topoi (1990), bem como teoria dos blocos semânticos, tese de Marion Carel, defendida em 1992. É fundamental destacar que o âmago da teoria consiste na defesa de que a língua é essencialmente argumentativa e que as relações estabelecidas pelas palavras orientam a construção do seu caráter argumentativo” (BARBISAN; BARBOSA; GONÇALVES, 2015, p. 353-354).

argumentações, em eventuais casos em que precise dialogar com o autor (ou com outras figuras presentes no processo de revisão) sobre alterações realizadas que julgou necessárias ao texto.

Pereira (2017) analisa alguns trabalhos de Pedro Homem de Mello que sofreram revisões profundas (em processos de reescrita realizados pelo próprio Mello) e procura refletir sobre as abordagens editoriais mais adequadas à natureza dinâmica das composições, tanto em meio impresso quanto em meio digital.

Leite e Magalhães (2013) investigam a relação entre leitura e revisão de textos, com foco na detecção de erros, um dos subprocessos da revisão. Os movimentos oculares realizados por dois grupos (revisores profissionais e leitores que não são profissionais em revisão) na leitura de textos e na detecção de erros nesses textos foram analisados, por meio de rastreamento ocular com o auxílio do *software EyeLink 1000*, da *SR Research*.

Todos os artigos apresentados a seguir foram publicados no periódico Scripta, da PUC Minas, que apresentou o maior número de publicações relacionadas à área, de acordo com os critérios estabelecidos para esta pesquisa (8 artigos nesta categoria e 1 na categoria subsequente).

Baptista (2015) aborda a interação entre autor e revisor de texto (apresentados no trabalho como enunciador e coenunciador, respectivamente) e analisa como ocorre o processo de coconstrução do *ethos*⁶ no momento da revisão textual.

Fedatto e Coelho (2016) problematizam as noções de uso, variação e mudança linguística na prática de revisão de textos. As autoras apresentam empregos polêmicos de vocábulos, como os de “mesmo” substantivado e de “onde” sem ideia de espacialidade.

Gomide e Gomide Filho (2015) refletem sobre a atuação do revisor de textos, mais especificamente do revisor de textos do gênero acadêmico-científico, e abordam as demandas do mercado nessa área e os tipos de intervenções no texto que se espera desse profissional, tanto com relação a aspectos linguístico-gramaticais quanto à normalização e formatação dos textos.

Perpétua e Guimarães (2016) refletem sobre o papel do revisor de textos literários. De acordo com as autoras, dada a especificidade do gênero literário, as exigências e

⁶ “[...] o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro” (MAINGUENAU, 2008, p. 17).

habilidades que textos desse gênero demandam do profissional extrapolam as de um revisor de outras modalidades de textos.

Reuillard (2014) busca evidenciar a importância de o tradutor também desenvolver competências de revisão em seu trabalho, e como isso pode ser aprimorado nas atividades pedagógicas de formação de tradutores.

O bloco a seguir é composto por 3 artigos publicados em um número especial da revista Scripta (v. 14, n. 26) dedicado à revisão de textos⁷ e à cognição humana.

A exemplo do trabalho de Fedatto e Coelho mencionado anteriormente, Mourão (2010) aborda o uso, em textos escritos, de duas formas linguísticas concorrentes, “[...] uma reconhecidamente pertencente à norma culta e outra mais recente, que decorre de hipercorreção” (MOURÃO, 2010, p. 163), e reflete sobre as possíveis abordagens do revisor com relação ao emprego desses termos que tendem a gerar polêmica. A autora examina o emprego de três pares de formas concorrentes: “dentre”/“entre”; “o mesmo” (ou formas flexionadas)/“esse” ou “este” e “tratar-se de”/“ser”.

Coelho e Antunes (2010) discutem o alcance da revisão textual, que deve extrapolar a simples correção de questões gramaticais e ortográficas nos textos. As autoras mencionam como um importante aspecto da revisão, por exemplo, a observação ao gênero e à textualidade no material, além de outros pontos.

Sant’Ana e Gonçalves (2010) abordam não somente a revisão, mas também a tradução, práticas que têm uma relação estreita entre si. As autoras refletem sobre as atividades de tradução e de revisão de textos e também sobre os parâmetros para a formação acadêmica de tradutores e revisores.

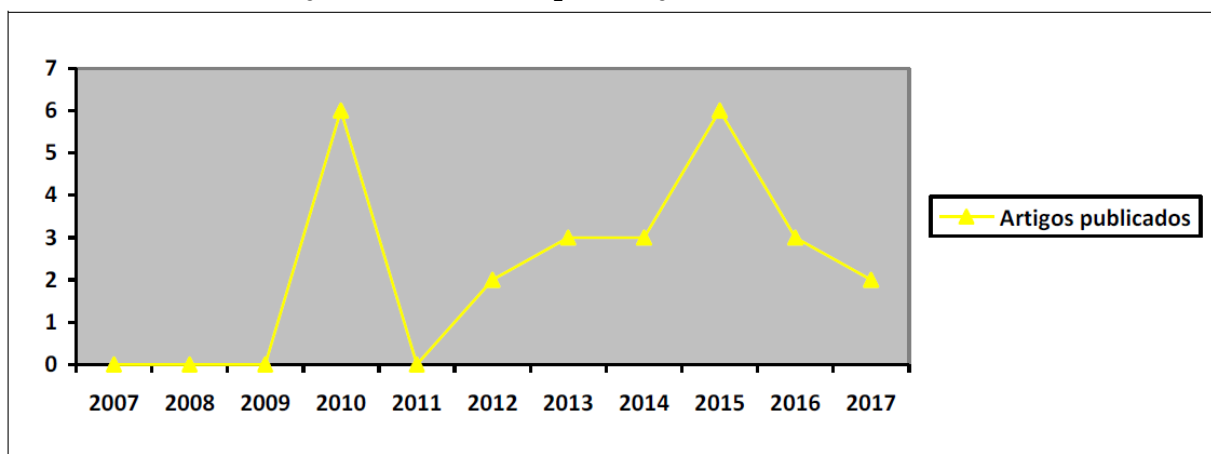
4.3 Abordagens referentes ao processo de revisão como prática linguística

Heurley (2010) visa a esclarecer o que se entende por revisão de texto de modo geral, revendo as principais definições da psicologia cognitiva sobre o assunto e apresentando os principais métodos usados para analisar a revisão de texto e os diferentes subprocessos do processo de revisão.

⁷ Nem todos os artigos publicados no dossiê da revista Scripta foram listados nesta categoria. Um deles está listado na última categoria apresentada e os demais não foram incluídos por não atenderem a alguns dos critérios de busca estabelecidos para esta pesquisa (possuir em seu título a palavra revisor e/ou a palavra revisão).

Os resultados encontrados em todos os estratos e em todas as categorias indicam que há uma predominância de publicações nos últimos anos relacionadas ao âmbito profissional. Além dos picos nas publicações, outro ponto que chama atenção é que nenhum artigo com os critérios estabelecidos foi encontrado entre os anos de 2007 e 2009.

Gráfico 1 – Variação no número de publicações entre os anos de 2007 e 2017⁸



Fonte: dados da pesquisa; elaboração da autora, 2017.

Com relação aos anos de publicação, há picos de publicações nos anos de 2010 e 2015, conforme demonstrado no gráfico acima. No ano de 2010, o pico ocorre devido ao número especial publicado no periódico Scripta, já mencionado, que agrupou diversos artigos com a temática de revisão de textos. No ano de 2015, embora tenha havido um pico no número de publicações, não temos como identificar o motivo para isso.

No entanto, há algumas reflexões que podem ser feitas a partir desse dado: será que o aumento recente de publicações sobre o tema decorre da maior demanda de trabalho — e, portanto, de visibilidade — que tem tido o profissional revisor de textos? Outro aspecto é que somente agora o ofício de revisor está se institucionalizando (em final de 2016, foi fundada a Associação Brasileira dos Revisores de Textos)⁹. Essas podem ser algumas das razões pelas quais os estudos da revisão de texto como prática profissional tenham crescido e, como consequência, o número de publicações aumentado.

5 REFLEXÕES

⁸ Até o mês de junho de 2017.

⁹ Ver: <http://associacao-brasileira-de-revisor.webnode.com/>.

Como se pode perceber pelas descrições das publicações apresentadas nos resultados, os conteúdos dos artigos publicados nessa área são bastante heterogêneos, abrangendo desde a revisão de textos jornalísticos até a revisão de textos literários, passando por revisão de tradução, entre outros temas. Porém, é possível verificar assuntos e constatações em comum que se fazem presentes em boa parte das publicações. Alguns deles são:

a) Conhecimento de mundo (competência enciclopédica ou pragmática demandada ao revisor)

Unanimidade entre os artigos que tratam sobre esse tópico mais a fundo ou mesmo por aqueles que apenas o citam em determinada passagem é a necessidade de um amplo conhecimento de mundo por parte do revisor. A área de revisão de textos é bastante abrangente, uma vez que qualquer texto, que trate sobre qualquer tema, é passível de ser revisado. Há revisores especializados em determinadas áreas do conhecimento e que tendem a trabalhar com textos apenas dessas áreas, mas há também revisores que se propõem a revisar textos de praticamente qualquer área, se assim o forem solicitados a fazê-lo. Independentemente da forma como o profissional atua, é essencial que ele seja uma pessoa bem informada — e com espírito aguçado para a pesquisa — para que saiba detectar especificidades da língua que estejam presentes nos materiais revisados. Por exemplo, reconhecer uma palavra que pareça, em um primeiro momento, descontextualizada, mas que esteja cristalizada em determinada área com um sentido diferente do que aquele inicialmente atribuído a ela. Ocorrências como essa em um texto exigem do revisor um amplo repertório de conhecimentos e habilidades, para que ele possa lidar de maneira satisfatória com elas. De acordo com Gomide e Gomide Filho,

[...] a atividade do revisor reivindica a ativação de determinados conhecimentos e habilidades, tendo em vista diversos fatores, entre eles: a intersubjetividade da linguagem; as imagens de si e do outro construídas discursivamente; as capacidades cognitivas, como a percepção, a atenção e a memória; o dialogismo e a polifonia; as condições de produção e recepção dos textos; as injunções históricas e culturais; a intertextualidade; os processos de referenciação (co e contextuais); o gênero em questão; os domínios discursivos em que o texto se

situa e os demais fatores que perpassam uma situação comunicativa considerada em toda a sua complexidade (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 337-338).

E mesmo que se tenha o vasto conhecimento de mundo esperado, o revisor deve ser um profissional desconfiado, no sentido de sempre duvidar de alguma informação que lhe cause estranhamento e, com isso, realize pesquisas a fim de confirmar a adequação — ou inadequação — da informação apresentada.

b) Extrapolação do plano gramatical no momento da revisão

Outro tópico recorrente nos artigos pesquisados é o da necessidade de o revisor atentar-se para além do plano formal em seus trabalhos. Isso, claro, depende do objetivo do serviço a ser prestado. Em alguns casos, o cliente poderá solicitar apenas a normalização e a verificação de aspectos formais do texto, como aqueles relacionados à ortografia e à gramática. Entretanto, de maneira geral, o que se espera do revisor é um olhar mais amplo e mais profundo sobre o material a ser revisado, além de suas camadas superficiais. Coelho e Antunes (2010) destacam, além da revisão linguística, as revisões gráfica, normalizadora e temática, descritas anteriormente neste artigo.

c) Limite (ético) às intervenções no texto alheio

Uma questão delicada que permeia o ofício do revisor está relacionada a qual seria o limite de intervenções em um texto. Embora a princípio isso possa parecer algo subjetivo, existem certos pontos que podem ajudar o revisor a não ultrapassar essa linha, muitas vezes tênue: um exemplo é o das especificações do cliente na contratação do serviço.

Porém, um consenso entre os autores pesquisados que abordam o tema em seus artigos é que se respeite o estilo do autor, “[...] até porque o estilo pressupõe características individuais [...]” (FEDATTO; COELHO, 2016, p. 341). Assim, as intervenções do revisor não podem de maneira alguma descaracterizar a voz do autor.

d) Dialogismo entre autor e revisor

Como citado no tópico anterior, muitas vezes o diálogo entre revisor e autor acaba sendo parte crucial do processo de revisão, seja para que o revisor tire uma dúvida sobre algum dado apresentado, seja para que discuta com o autor sobre alguma sugestão de intervenção mais profunda, entre outras possibilidades. Caso o cliente não tenha sido específico no momento da contratação sobre os tipos de intervenção esperados no texto, existe a possibilidade de diálogo entre as duas partes, tanto antes de o serviço ser iniciado quanto durante a execução do trabalho. É importante que o profissional tenha em mente que esse limite poderá ser bastante variável, a depender das demandas de cada trabalho.

Essa “conversa”, ainda que mediatizada por meios eletrônicos — *e-mail*, *WhatsApp*, etc. —, faz parte da construção do texto, contribuindo para a qualidade do material finalizado e para o cumprimento satisfatório da finalidade a que ele se destina. Um ponto importante desse dialogismo é a forma como ele é desenvolvido entre as partes envolvidas. Faz-se necessário que o revisor, principalmente ao tratar de questões mais delicadas com o autor, sustente com clareza as razões pelas quais ele sugere ou tenha feito alguma intervenção no texto. Assim, é preciso:

[...] ter conhecimento teórico suficiente para garantir a defesa de seu olhar profissional e proficiente para com o texto. Desse modo, sua tarefa poderá ser construída através de permanente diálogo com o autor, por meio da construção de sugestões embasadas e justificadas teoricamente, superando o “achismo” ainda comum em certas situações “profissionais” (BARBISAN; BARBOSA; GONÇALVES, 2015, p. 356-357).

e) Domínio dos gêneros textuais

Uma das características que fará com que uma revisão seja feita de maneira mais adequada é o conhecimento por parte do revisor das particularidades dos gêneros textuais, que, de acordo com Marcuschi (2008, p. 155), são “[...] textos materializados em situações comunicativas recorrentes [...]” e que “[...] apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”.

Esse é um assunto tratado recorrentemente nos artigos pesquisados, tanto os que trabalham com a revisão no âmbito escolar quanto os que trabalham com a revisão no

âmbito profissional. Mais importante do que saber identificar a qual gênero determinado texto pertence é “[...] definir o que se espera do texto a partir disso.” (ANTUNES; COELHO, 2010, p. 217). Isso contribuirá para garantir a adequação do material ao seu propósito.

f) Desvalorização do profissional revisor de textos

Um tópico que aparece em alguns dos artigos pesquisados é o da desvalorização do revisor de textos, e os pesquisadores atribuem alguns motivos para isso. Lemos (2014) compreende que a não regulamentação da profissão pode contribuir para uma visão deturpada sobre esse profissional, uma vez que “[...] apesar da tradição da prática de revisão de textos ao longo da história, essa profissão ainda não é reconhecida socialmente, nem pelo sistema legal” (LEMOS, 2014, p. 144). Já Barbisan, Barbosa e Gonçalves afirmam que a desvalorização, mais especificamente a financeira, se dá “[...] justamente por pensar que se trata de algo simples e praticamente automático, a maior parte dos autores que busca pelo profissional de revisão de textos não acredita que o seu trabalho deva ser valorizado” (BARBISAN; BARBOSA; GONÇALVES, 2015, p. 356).

g) Existência e importância dos cursos de graduação e pós-graduação voltados à área de revisão de textos

Outro assunto recorrente entre os artigos pesquisados é a existência e importância de cursos voltados à área de revisão de textos no ambiente acadêmico. Sabe-se que diversos cursos de graduação em Letras oferecem disciplinas de revisão de textos. Em alguns casos, oferecem disciplinas de edição de textos, em que a revisão aparece como parte do conteúdo ofertado. No entanto, ainda são poucos os cursos que disponibilizam habilitações específicas em revisão de textos. De acordo com Barbisan, Barbosa e Gonçalves (2015, p. 353), “[...] tem-se conhecimento de apenas um curso de Graduação em revisão textual, no Brasil, oferecido pela Universidade Federal de Pelotas”, que é o curso de bacharelado em

Letras – Redação e Revisão de textos. Feraboli (2012, p. 228) menciona a existência, além do curso supracitado, de um curso de Letras com bacharelado em revisão ofertado pelo Centro Universitário Patos de Minas (UNIPAM). Já com relação à pós-graduação, existe uma quantidade maior de ofertas de cursos por todo o país¹⁰. Ainda assim, é interessante refletir sobre a grande quantidade de revisores atuantes no Brasil perante a pequena quantidade de habilitações em cursos de graduação e de cursos de pós-graduação com enfoque na área, se levarmos em conta a proporcionalidade entre o número de futuros profissionais e o número de cursos.

A existência desses cursos no ambiente acadêmico se faz importante até mesmo como forma de fomentar as pesquisas na área. Tome-se como exemplo a PUC Minas, instituição que conta com uma pós-graduação em Revisão de Textos. A revista acadêmica Scripta, periódico pertencente a essa instituição, publicou em 2010 (n. 26, v. 10) um dossiê temático sobre revisão de textos. Esse número contou com 9 artigos de professores doutores, de diferentes instituições superiores de ensino. Na mesma instituição, em 2015, foi publicada uma edição do Cadernos CESPUC¹¹ somente com artigos de autores com formação no curso pós-graduação em Revisão de Textos. Outro número especial do Cadernos CESPUC, cuja chamada esgotou-se em julho/2017, encontra-se em preparação.

h) Consideração a todos os tipos de correção

Os tipos de correção definidos por Serafini e Ruiz (mencionados anteriormente neste trabalho) e suas aplicações também são temas que aparecem recorrentemente nos artigos pesquisados, principalmente aqueles que tratam da revisão como parte da prática de produção de textos por alunos e sua interação com os professores. Os pesquisadores, de maneira geral, afirmam a importância de que no ambiente escolar outros tipos de correções, além das resolutivas (que são as mais comumente encontradas) se façam presentes.

Os tópicos citados acima frequentemente se relacionam. Por exemplo: para saber o limite e o caráter de suas intervenções, é importante que o revisor dialogue com as outras

¹⁰ Uma rápida busca pelo Google por “especialização revisão de textos” retornou, já em suas primeiras páginas, mais de uma dezena de cursos, levando-se em conta que a ferramenta apresenta também outros tipos de ocorrências, que não necessariamente as páginas dos cursos, como páginas de empresas de revisão.

¹¹ Como o Cadernos CESPUC está no estrato B3, portanto, fora dos critérios utilizados para esta pesquisa, nenhum artigo publicado nesse periódico foi incluído neste artigo.

partes envolvidas no processo de revisão, bem como tenha conhecimento sobre as características que compõem os diferentes gêneros textuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivamos apresentar um breve panorama, quantitativo e qualificativo, do que foi divulgado em periódicos nacionais sobre o tema revisão de textos nos últimos dez anos. Embora o levantamento feito para esta pesquisa não possa ser considerado exaustivo, é possível construir, por meio dele, uma noção do que tem sido investigado pelos pesquisadores com relação ao que se denomina “tratamento do texto”, que engloba não apenas o processo de revisão (e, portanto, também tangencia aspectos referentes ao papel do revisor de textos), mas também a tradução, a edição, entre outros processos.

Os resultados evidenciaram que, embora o número de publicações de acordo com os critérios estabelecidos não seja muito amplo, os eixos temáticos dos artigos publicados são bastante heterogêneos e indicam uma tendência ao crescimento da relevância da atuação e do papel desse profissional no mercado editorial brasileiro. Pretende-se expandir o trabalho, verificando os outros estratos e/ou realizando pesquisas em outros suportes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC. Brasília, DF, 2016.
- BAPTISTA, Patrícia Rodrigues Tanuri. Da interlocução à construção do ethos: a interação profissional entre autor e revisor de textos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 369-385, 1º sem. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n36p369/9652>>. Acesso em: 23 jul. 2017.
- BARBISAN, Leci Borges; BARBOSA, Vanessa Fonseca; GONÇALVES, Tamiris Machado. A Teoria da Argumentação na Língua e o trabalho do revisor de textos. **Letras de Hoje**, v. 50, n. 3, p. 352-359, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/19498/13805>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- CASTRO, Bruno Diego de Resende; SANTIAGO, Márcio Sales. A importância da Terminologia para prática de revisão do texto técnico-científico. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia (MG), v. 9, n. 5, p. 374-388, dez. 2015. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/29255>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

CEZAR, Jennifer Galvão; PAULA, Orlando de. A produção escrita no ensino fundamental I: correção do professor e revisão do texto pelo aluno. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 102-115, abr./jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/forum/article/view/1984-8412.2013v10n2p102/25544>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

COELHO, Sueli Maria; ANTUNES, Leandra Batista. Revisão textual: para além da revisão linguística. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 205-224, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4361/4506>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Censo de 2016**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/censo-atual/>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

FEDATTO, Carolina P.; COELHO, Beatriz Garcia Pinto. A prática de revisão de textos entre inadequação e inovação: uma discussão sobre variação, mudança e política linguística. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 337-357, 1º sem. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n38p337/10105>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

FERABOLI, Gisele Aline. Conhecimento de mundo: um dos aspectos fundamentais à vida profissional de um redator e revisor de textos. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 1, n. 1, p. 227-240, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/237>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

FUZA, Ângela Francine; MENEGASSI, Renilson José. Revisão e reescrita de textos a partir do gênero textual conto infantil. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 1, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/222>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

GASPAROTTO, Denise Moreira; MENEGASSI, Renilson José. A mediação do professor na revisão e reescrita de textos de aluno de Ensino Médio. **Calidoscópico**, São Leopoldo (RS), v. 11, n. 1, p. 29-43, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.111.04>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

GASPAROTTO, Denise Moreira; MENEGASSI, Renilson José. Aspectos da prática docente na revisão e reescrita de narrativa de terror. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 808-823, jul./set. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2015v12n3p808/3016>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

GOMIDE, Renata Marques; GOMIDE FILHO, Sérgio Roberto. Considerações sobre a revisão profissional de textos acadêmico-científicos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 337-355, 1º sem. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n36p337/9650>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

GONÇALVES, Clézio Roberto; CARVALHO, Maria Teresa Nastro de. Prática textual: ensino, produção e revisão. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p.235-249, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4363/4508>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

HEURLEY, Laurent. A revisão de texto: abordagem da psicologia cognitiva. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 121-138, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4355/4500>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

LEITE, Délia Ribeiro; MAGALHÃES, José Olímpio de. O movimento dos olhos na detecção de erros em textos: leitura e revisão. **Signo**, Santa Cruz do Sul (RS), v. 38, p. 184-201, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/4169/3199>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

LEMOS, Mayara Espíndola. A regulamentação da profissão de revisor de textos: uma medida social necessária. **Cenários**, Porto Alegre, v. 1, n. 9, p. 139-151, 1º sem. 2014. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/view/869>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENEGASSI, Renilson José; GASPAROTTO, Denise Moreira. Revisão textual-interativa: aspectos teórico-metodológicos. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia (MG), v. 10, n. 3, p. 1019-1045, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/domiosdelinguagem/article/view/33021>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MOURÃO, Eliane. A hipercorreção na escrita formal: dilemas do revisor de textos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 163-178, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4358/4503>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

MUNIZ JR., José de Souza. A intervenção textual como atividade discursiva: considerações sobre o laço social da linguagem no trabalho de edição, preparação e revisão de textos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009. p. 1-15.

PARIS, Larissa Giacometti. Oficinas de fanfictions na escola: investigando práticas de revisão e reescrita. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 441-451, 2016. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/587/1036>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

PEREZ, Marcelo Spalding; BOENAVIDES, William Moreno. Os limites para a revisão do texto literário a partir dos conceitos de autoria e estilo de Bakhtin. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 113-133, jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/25830/20958>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

PEREIRA, Elisa. O exercício da revisão e seu tratamento editorial: para uma edição da poesia de Pedro Homem de Mello. **Revista da ABRALIN**, v.16, n.1, p. 139-154, jan./abr.

2017. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51933/32014>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

PERPÉTUA, Elzira Divina; GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. A revisão do texto literário: um trabalho de memória. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 195-204, 1º sem. 2010. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4360/4505>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Competência tradutória: a conversão do tradutor em revisor. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 33, p. 65-84, jul./dez. 2014.

Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15956>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa Ribeiro. Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009. p. 1-10.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola**. São Paulo: Contexto, 2010.

SANT’ANA, Rivânia Maria Trotta; GONÇALVES, José Luiz Vila Real. Reflexões acerca das práticas de tradução e revisão de textos e de parâmetros para a formação de tradutores e revisores. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 225-234, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4362/4507>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. São Paulo: Globo, 1998.

SILVÉRIO, Geisa Pelissari; VIGGIANO, Mário Francisco Ianni. O papel do revisor de textos jornalísticos opinativos e as estruturas desgarradas da língua portuguesa.

Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n. 46, p. 251-271, 1º sem. 2014. Disponível em:

<<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/18>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

SPINILLO, Alina Galvão. A revisão textual feita individualmente e em colaboração: há diferenças? **Prolíngua**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 230-240, jan./fev. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27601/14840>>. Acesso em: 20 jul. 2017.